

DOS TEMPLOS À RUA: A SACRALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA FESTA DE SÃO JORGE, CIDADE DO RIO DE JANEIRO

João Victor Gonçalves Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Población, género e identidad

Jvferreira07@gmail.com

Resumo

O objetivo central do trabalho é analisar os processos de construções de sacralizações nos espaços públicos na festa de São Jorge, na cidade do Rio de Janeiro. Esses espaços compõem dois grupos e objetos de análises: Os espaços sagrados fixos, templos e centros de cultos religiosos delimitados por construções físicas e espaços públicos que, em uma visão geral, estariam inseridos em uma ótica profana, sem elementos construídos que representem o caráter sagrado, que seriam, ou não, imersos em uma sacralidade momentânea, a partir de práticas durante a festa.

O Espaço Sagrado é resultado de um processo ritualístico, de construções de hierofanias e carregado de significados, que se dão em meio ao Espaço Profano, resultado das ações do homem desprovidas de uma organização comum e delimitada, que não possui a simbologia e a centralização do Sagrado. Espaço Profano e Espaço Sagrado são quase que antagônicos, mas a todo momento se relacionam. Ambos estão sempre vinculados a um espaço social, que nesse caso é analisado a partir dos espaços públicos, que além de apresentarem uma dimensão política, apresentam também uma dimensão social, onde as pessoas se relacionam e tem suas práticas sociais. Toda essa divergência possibilita a construção de questões que norteiam a pesquisa, tais quais: como se dão essas associações? Até que ponto sagrado e profano coexistem em um mesmo espaço?

Com base nas leituras da bibliografia sobre o tema, um trabalho de campo exploratório realizado durante a festa, objetivando a observação direta, registros fotográficos, aplicação de questionários e entrevistas abertas e uma representação gráfica de um dos espaços de realização da festa, estrutura-se a matriz descritiva na qual a pesquisa está sendo baseada.

A escolha da Festa de São Jorge consiste em algumas características muito presentes na data, que facilitam o desenvolvimento do objeto de pesquisa. Nessa dada se faz possível constatar a pluralidade de relações que ocorrem nos cultos ao santo. Entre as missas que ocorrem nas paróquias da cidade, grandes símbolos da espacialidade da devoção ao santo, os terreiros de matriz afro e afrobrasileiras, que absorvem o santo por intermédio do sincretismo religioso e as ruas, espaços públicos marcados pela caracterização de profano, diversas atividades são realizadas em nome da mesma santidade, porém compostas por práticas inseridas em segmentos religiosos opostos ou mesmo que fogem de uma religiosidade determinada, mas são responsáveis por uma significativa construção espacial da sacralidade e religiosidade.

Palavras Chave: Sagrado, Profano, Espaço Público e Festa.

Introdução

O presente artigo é resultado de uma análise dos processos de sacralização que ocorrem nos espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro, promovidos pelas diversas celebrações e festas - religiosas ou não - que ocorrem em homenagem a São Jorge, santo oriundo do catolicismo. São diversas as maneiras com que o sagrado apropria-se dos espaços públicos, seja de forma permanente ou momentânea e para que esses processos de construção de sacralidade nos espaços públicos sejam compreendidos é necessário que seja debatido o conceito a partir das relações e correspondências de dois outros conceitos-chaves: espaço sagrado e espaço profano. Esses servem de mecanismo para demonstrar os processos sacralizatórios que ocorrem e para facilitar a sua compreensão.

Assim sendo, a primeira parte do presente artigo propõe-se a realizar um debate teórico-metodológico em via de embasar a pesquisa, significando os conceitos e a metodologia aplicada. Em prosseguimento, foram realizadas análises das três categorias de festas que surgiram com os primeiros campos exploratórios e fontes bibliográficas. A primeira festa analisada é a realizada na Igreja de São Jorge, localizada em Quintino de Bocaiúva, bairro da zona norte que abriga uma das mais tradicionais festividades em homenagem ao santo. Após o debate sobre a festa na igreja, surge a segunda categoria, que compreende as festas em homenagem ao santo em religiões de matriz afro ou afro-brasileiras. Baseando-se no sincretismo religioso, o capítulo faz uma breve análise da inserção do santo nos cultos e analisa as diferenças de apropriações espaciais dessas práticas, principalmente por sua ligação com espaços não localizados em instituições e construções tidas como tradicionais. Por fim, a última categoria analisada é das festividades conhecidas como “festas de rua” ou festas profanas. Será observado, então, sob algumas perspectivas, que direcionamento religioso concreto e determinante pode não existir e como ocorrem as sacralizações, já que essas festas não obedecem a dogmas ou práticas religiosas particulares.

A escolha de São Jorge, santo da Igreja Católica Apostólica Romana, e das festividades que ocorrem anualmente em sua homenagem se deu por alguns fatores. Como bem ilustra MEDEIROS (2007), São Jorge é, dentro do estado do Rio de Janeiro, uma referência. Ainda que o padroeiro da cidade seja São Sebastião, São Jorge aparenta arrebatá-lo uma grande quantidade de seguidores de diversos segmentos. Na paisagem da cidade, marcas da popularidade do santo se espalham por vestes, adesivos veiculares, adereços diversos, estabelecimentos com seu nome, agremiações carnavalescas e clubes de futebol que são apadrinhados pelo santo. Sua influência é tão significativa que um feriado foi estabelecido em sua homenagem, primeiramente na cidade do Rio de Janeiro e posteriormente em todo o estado, que se comemora no dia vinte e três de abril, dia de realização de suas festas. A multiplicidade de devotos, hipótese que supúnhamos ao início das pesquisas e que

possibilitaria abordagens diversas que fugiriam ao catolicismo e seus eventos como única ferramenta de análise foram validadas a partir de FERREIRA (2014) e trazem um outro ponto favorável a escolha dessa entidade e suas várias festividades como objeto de análise principal.

“As festas dedicadas a São Jorge ocorrem não só no centro da cidade, mas também em outros locais da cidade do Rio de Janeiro, sejam nos adros e arredores das igrejas, nos terreiros de Umbanda e Candomblé, nas ruas ou nas quadras das escolas de samba.” (FOGAÇA,2013).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE EMPÍRICA

Para estabelecer uma análise geográfica das festas, suas espacialidades e a ocorrência dos processos de sacralização três conceitos chaves surgem como base metodológica responsável pelo desenvolvimento da obra. O primeiro conceito é o de espaço público, de GOMES (2012). O espaço público é onde ocorrem os processos que nos propomos a compreender. A sua configuração apresenta uma dimensão política, que o condiciona e delimita e, o mais importante, é em meio ao espaço público que ocorrem as relações entre a população, onde se estabelecem e interagem. O espaço público é, portanto, o substrato das práticas sociais, o lócus da ação da sociedade e dos seus processos transformadores, inclusive religiosos, como nos propomos a compreender.

Os outros dois conceitos chaves da obra são interdependentes, só sendo possível considerar um deles levando em conta o outro. Ao apropriarmos um espaço público por processos de sacralização atribuímos ao espaço uma classificação de sagrado. Esse processo se dá, segundo ELIADE (1992), a partir da construção de hierofanias, valores e significados sacros que são transmitidos a objetos comuns, que passam a ser valorizados e venerados segundo a representatividade que lhe foram estabelecidos. O espaço sagrado é portanto resultante de processos ritualísticos que agregam a objetos e, em determinados casos, a toda uma área comum, uma nova configuração e perspectiva. ROSENDAHL (1996) atribui ao espaço sagrado a importância como orientação ao homem religioso, responsável por determinar suas práticas e costumes, sendo a possibilidade de estar em contato direto com sua fé e suas crenças.

É necessário frisar que, para compreendermos a formação e estruturação do espaço sagrado é imprescindível reconhecermos o espaço profano. Só consideramos a existência de um espaço que conecta o homem religioso com algo além do cotidiano se reconhecemos a existência desse espaço comum, desvinculado de toda e qualquer forma de orientação superior. O espaço profano é, portanto, desvinculado de um ponto fixo, de uma centralidade iminente. É um reflexo do cotidiano e das práticas que se organizam sem uma referência superior. Portanto o sagrado só existe graças ao

estabelecimento do profano enquanto seu opositor e, por mais que seja reconhecida tal oposição, existe entre eles uma interdependência.

Operacionalmente a pesquisa se estruturou no levantamento de dados a partir de dois trabalhos de campo exploratórios e na realização de entrevistas abertas com os frequentadores. Dados referentes a outras festas analisadas foram obtidos através da bibliografia sobre o tema e de contato direto com seus organizadores ou instituições sedes, uma vez que o caráter anual da festa ao santo impossibilita a realização de visitas complexas a mais festividades na mesma data.

A FESTA NA IGREJA CATÓLICA: O SAGRADO INSTITUCIONALIZADO

A igreja é um local onde o sagrado é institucionalizado, uma vez que todo o espaço foi construído a partir de hierofanias e se organiza em torno de rituais e práticas características da religião. Segundo ROSENDAHL (1996), o estabelecimento funcionaria como um limiar entre o profano, sem orientação estabelecida, sem uma organização e desvinculado a fé e as forças superiores na visão do homem religioso. Por outro lado, ao entrar no estabelecimento o homem religioso está automaticamente inserido em um espaço sacralizado, onde está em contato direto com as forças que regem e orientam o mundo cotidiano e, no caso da festa, em contato com São Jorge.

Sendo assim, o primeiro local visitado foi a tradicional festividade que ocorre na Paróquia de São Jorge, localizada no bairro de Quintino Bocaiúva, zona norte do Rio de Janeiro. Essa igreja e a de São Gonçalo Garcia e São Jorge, localizada no centro da cidade, são as principais instituições católicas destinadas ao culto e festividades em homenagem a São Jorge. A festa é realizada há 70 anos, todo dia 23 do mês de abril, data em que se homenageia o santo. A estimativa de 180 mil visitantes na data e a grande presença de políticos e líderes religiosos são alguns dos fatores que demonstram a grande centralidade de culto que a paróquia de Quintino representa.

Partindo do fato de que São Jorge é um santo da Igreja Católica e considerada tamanha centralidade da instituição citada, optou-se por estabelecer a festa nela realizada há tantos anos como a primeira a receber o trabalho de campo, incluindo a realização das entrevistas com os visitantes. Os resultados obtidos foram analisados com maior detalhamento em FERREIRA (2014), trabalho que objetivava analisar as relações de espaço sagrado e profano exclusivamente na igreja de Quintino. Ainda sim, alguns deles serão oportunos ao longo deste artigo, além da necessidade de destacar que o presente trabalho surge graças à pluralidade inesperada de práticas religiosas ou não religiosas diretamente ligadas ao santo que foram identificadas a partir dos resultados obtidos.

SÃO JORGE E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRAS

“Em primeiro lugar, São Jorge e sua devoção já chegam ao Brasil sincretizados, frutos de fusões, justaposições, e sobreposições anteriores: S. Jorge tornou-se metáfora de Constantino e do deus equíestre egípcio Horus; sofreu relações de contágio com os mistérios de Perseu, de Osíris, e serviu de personagem emblemática para a instituição da Cavalaria e das Ordens Militares: a Ordem da Jarreteira britânica, a dos Cavaleiros Teutões alemãs, a de Calatrava de Aragão e a Sagrada Ordem Militar Constantiniana” (MEDEIROS, 2007).

Associações culturais e religiosas são comumente praticadas há séculos entre várias religiões e ocasionadas por motivações diversas. Tal como destaca MEDEIROS na citação acima, São Jorge historicamente sofre associações plurais e no nosso país esse processo não foi diferente. O culto a São Jorge no Brasil é muito popularizado e, por mais que seja ele uma entidade sacralizada do catolicismo, se insere em diversos segmentos religiosos que vão além da igreja. Esse processo é resultado do sincretismo religioso, que segundo FERRETI (1995) baseia-se, no caso brasileiro, na associação cultural promovida pelos negros escravizados entre suas práticas religiosas e as práticas da religião católica. Para proteger seus cultos e costumes, faziam associações entre seus deuses (Orixás, na língua Yorubá) e os santos católicos; utensílios e instrumentos ligados às suas práticas eram escondidos em meio às imagens e símbolos do catolicismo e os espaços direcionados a seus cultos recebiam uma configuração que os associava à religião cristã. Ainda baseado em FERRETI, temos o sincretismo não como uma religião se apropriando de características de outra e sim uma troca de influências entre elas. Do mesmo modo que o catolicismo foi amplamente utilizado como influência para o candomblé e principalmente a umbanda, desde suas práticas até sua organização espacial, também encontramos o processo inverso, aspectos das religiões de matriz afro e afro-brasileiras que foram incorporados a práticas da população católica.

São Jorge, não bastando sua grande popularidade foi associado no Rio de Janeiro e no estado de São Paulo a um dos Orixás mais populares do panteão africano, o Deus Ogum. Ligado ao ferro, as batalhas, conquistas e superações, o Orixá em questão se assemelha em diversos aspectos ao santo católico, fator que, para autores como ARRUDA (2008) e MEDEIROS (2007) facilitaram ainda mais a associação entre eles. Sua importância nos cultos afro e afrobrasileiros é muito significativa, uma vez que é respeitado como o grande protetor, senhor dos caminhos, que apresenta uma grande espacialidade nos estabelecimentos de culto, uma vez que a ele se reconhece a proteção das entradas e portas dos terreiros. Assim, alimentos e bebidas que são comumente ofertados ao Orixá pelos praticantes de Umbanda e Candomblé, como feijoadas e cervejas, acabaram se tornando alimentos associados ao próprio São Jorge, tamanho o processo de sincretismo presente.

Ao pensarmos as festas que ocorrem nos estabelecimentos de matriz afro e afrobrasileira em homenagem ao santo, temos uma conceituação de sagrado muito similar as festividades das igrejas, uma vez que todo aquele espaço é repleto de hierofanias e construções ritualísticas. A grande

diferenciação se dá na apropriação de outros espaços públicos por meio dessas religiões. Tradicionalmente essas religiões apresentam em sua configuração uma grande relação com a natureza, com áreas ao ar livre e espaços que sofreram uma menor transformação antrópica, como praias, cachoeiras, florestas entre outros. É habitual a realização de homenagens a São Jorge e ao Orixá Ogum em cachoeiras e florestas por exemplo e essa é a grande divergência em relação as circunstâncias até então analisadas. Se inicialmente observamos os processos de sacralização estabelecidos em ambientes religiosamente institucionalizados, agora nos deparamos com espaços desconfigurados religiosamente, inseridos em uma realidade profana. Ao se apropriarem de tais espaços para suas práticas, os religiosos inserem uma sacralidade momentânea, que permeia o ambiente enquanto suas práticas ocorrem. A noção de sagrado e profano baseada na cultura africana, como VERGER (2002) destaca é muito mais flexível do que as visões pautadas nos dogmas católicos, sendo esse um dos pontos de maior divergência entre as culturas. Se para o catolicismo o sagrado está muito mais relacionado a um espaço físico construído, salvo poucas exceções que para existirem necessitam de todo um processo ritualístico e formativo, para os candomblecistas e umbandistas a noção de sagrado e profano é muito menos rígida e opositora, o que pode ser atestado com a análise da flexibilidade do sagrado baseada em Eliade (1992).

AS FESTAS DE RUA: A PRESENÇA DO SANTO DESVINCULADA A SACRALIDADE.

“O ato devocional agora é o samba. Além das velas e flores, músicos começam a chegar com surdos, pandeiros, cavaquinho e tamborins, instrumentos que até o fim do dia serão acompanhados por muitas vozes no reencontrar dos novos e velhos amigos, que neste dia cantam ‘pra Jorge” (DIONISIO, 2012).

São Jorge é, obviamente, uma entidade sacralizada que, como debatido, se insere em diversos aspectos religiosos que vão além do catolicismo. Porém, quem visita a cidade do Rio de Janeiro facilmente percebe que o santo, em certa medida, transpassa a esfera religiosa, tornando-se um símbolo cultural presente das mais variadas formas no cotidiano carioca. Sua influencia vai além do espaço religioso construído e das práticas orientadas por uma religiosidade institucionalizada, sendo fácil perceber na paisagem da cidade diversos símbolos que denotam a sua popularidade. Em meio a adesivos veiculares, adereços diversos e vestimentas, diversos espaços públicos recebem seu nome, desde praças de públicas a grandes casas de show, os quais também são identificados ou demarcados por suas imagens e cores. Canções escritas em sua homenagem, agremiações carnavalescas que o assumem como patrono, festas, rodas de samba, eventos dos mais

diversos que carregam no nome não uma religiosidade, mas um carinho e confiança que não o estabelecem apenas como eventos religiosos.

A fé, a confiança, o carinho e o sentimento quase paternal que nutrem seus seguidores e devotos, ou como gostam de se intitular, “seus filhos”, são sentimentos responsáveis por promover a organização das diversas festas que nos propomos a estudar. Tais sentimentos em relação ao santo não estão restritos a membros de uma determinada religião ou outra, demonstrando que não carecem de uma religião para serem estabelecidos.

“...Ou seja, apesar de centrar minha análise nas celebrações a São Jorge que ocorrem num espaço ritual católico – isto é, religioso –, as práticas e representações que observei durante a pesquisa não podem ser classificadas exclusivamente sob a rubrica dos fenômenos religiosos. Isso pois, do mesmo modo como tais práticas e representações são acionadas com base nas vivências religiosas dos devotos e paroquianos, elas também são acionadas tendo por base sentimentos bairristas ou pertencimentos a grupos distintos, não religiosos, que são postos sob a guarda de São Jorge” (ARRUDA, 2008).

O grande questionamento que permeia essas festas é quanto ao processo de sacralização. Assim como já mencionado no capítulo sobre as religiões de matriz africana ou afro-brasileira, a grande dificuldade encontrada em analisar eventos como esse é de entender o que se sacralizou, o que passou por construções hierofânicas, uma vez que não ocorrem em espaços públicos instituídos como sagrados, tais como templos religiosos, igrejas, centros e barracões. Porém esse capítulo apresenta uma complexidade ainda maior em relação às festividades de Umbanda e Candomblé.

Por mais que essas religiões, em determinados momentos, realizem, conforme citado anteriormente, as festas em espaços não convencionados à religiosidade, eles se apropriam, ao menos momentaneamente, de tais espaços e os transformam, com base nas construções de hierofanias e nos seus processos ritualísticos tradicionais, em espaços sagrados. As “festas de rua” ou “festas profanas” - segundo termo que, por mais que não tenha a melhor das definições é amplamente utilizado -, por sua vez, não passam por tais processos ritualísticos, uma vez que não visam em momento algum o reconhecimento como eventos religiosos. Não existe uma orientação doutrinária, um segmento que determine diretamente aquelas práticas. São pessoas que se estabelecem em um espaço público, normalmente praças, bares, agremiações carnavalescas ou moradias de devotos que se reúnem em uma festa onde o único aspecto sagrado direto é a homenagem ao santo guerreiro. É nesse ponto em que se encontra o grande questionamento: existe sagrado em meio a uma festa como essa? Como compreender os limites entre o profano e o sagrado ou como compreender a sacralização do espaço público que se organiza em torno de práticas tão desorientadas religiosamente?

ELIADE (1992) ao pensar o sagrado e o profano no mundo moderno constrói afirmativas que desvinculam tais conceitos da rigidez e inflexibilidade que, em determinados momentos, se

tenta construir. O cotidiano assemelha-se, segundo ROSENDAHL (1996) ao *Caos*, ou seja, ao profano, sem orientação superior - a religião -, construção do sagrado. Porém, segundo ELIADE (1992), essa separação não segue tamanha rigidez. O sagrado pode aparecer inserido no profano, mesmo que por um tempo reduzido, uma vez que o limiar entre os dois conceitos não é, por diversas vezes, perceptível. Em meio a festas entendidas como parte do aspecto profano, onde os espaços públicos são preenchidos por músicas, bebidas, e diversos elementos do cotidiano, é possível encontrar, segundo o autor, uma sacralidade. Se em meio a todas essas práticas o visitante se dirige a uma imagem do santo, presente na maioria das festividades “de rua” e inicia uma oração ou um simples toque na imagem, nas flores presentes, uma referência qualquer a uma religiosidade já seria, segundo ELIADE(1992) a inserção do sagrado em meio ao profano. Um altar em homenagem ao santo, uma bebida que se ofereça, todas essas são práticas que inserem aquele espaço público numa sacralidade e transformam a prática cotidiana local.

CONCLUSÃO

“Assim, considero que cada devoto possui um léxico próprio que conforma suas relações com São Jorge: uns bebem cerveja, outros bebem beja, ou não bebem nada; uns fazem churrasco, outros feijoada; uns soltam fogos, outros acendem velas, compram fitinhas e assistem às missas; uns portam medalhas, outros guias, etc. Esse léxico, que dá sentido às relações e atuações do santo em suas vidas, também se expande ao ser apropriado e manuseado por eles” (ARRUDA, 2008).

A pesquisa, inicialmente, era baseada na análise dos espaços sagrados e profanos que surgiam nos espaços públicos na festa de São Jorge, exclusivamente na Igreja de Quintino de Bocaiúva. Como demonstrado em FERREIRA (2014), mediante a análise de tais processos percebeu-se que, mesmo somente no estabelecimento católico, a relação de práticas dentro e fora do espaço sagrado, a multiplicidade de credos e características dos visitantes e a marcante presença do sincretismo religioso expunham a necessidade de expandir o objeto de análise para uma compreensão mais aprofundada das resultantes do culto a São Jorge em suas mais variadas formas nos processos de sacralização dos espaços públicos. Assim sendo, novas questões surgiram e novas abordagens foram possibilitadas.

Constata-se a partir de então que a lógica de sagrado é múltipla, uma vez que obedece, segundo ELIADE (1992) não uma caracterização padronizada e a subjetividade do homem religioso. Cada fiel estabelece a sua própria relação com sua fé, suas crenças e constrói a sua própria conceituação do sagrado. Entendemos portanto que do mesmo modo que se reconhece o sagrado em espaços dedicados a práticas religiosas, tais como igrejas e terreiros de candomblé e umbanda, também é possível reconhecer o sagrado em um espaço público desvinculado de uma

institucionalização religiosa, como uma praça, uma rua ou até mesmo um bar, já que esse processo é construído de forma subjetiva e, mesmo que por alguns instantes, um espaço qualquer pode receber uma sacralidade momentânea de acordo com quem nele se estabelece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARRUDA, Bianca: As Sagas de Jorge: Festa, devoção e simbolismo. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CORRÊA, R.L. Espaço: Um conceito-chave da Geografia. In: , I.E., GOMES,P.C.C., CORRÊA,R.L. (Org.). Geografia:Conceitos e temas. -15ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ELIADE, Mircea: O sagrado e o profano: a essência das religiões: tradução Rogério Fernandes. – 3ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FERRETTI, Sergio. Repensando o Sincretismo. São Paulo/ São Luís: EDUSP/ FAPEMA, 1995.

FERREIRA, J.V.G: O espaço Público e o Espaço Sagrado na Festa de São Jorge em Quintino, cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

FOGAÇA, I. de F & LOPES, E. M. de S.M.: Festa de São Jorge: Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro. **I Simpósio internacional e II nacional sobre espacialidades e temporalidades de festas populares: Manifestações do Catolicismo.** Goiânia, 2013.

GOMES, P. C. Espaços Públicos: Um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço In: CASTRO, I.E., GOMES,P.C.C., CORRÊA,R.L. (Org.). Olhares Geográficos. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

MAIA, C.E.S.: Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (Notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Z. (Org). Trilhas do sagrado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p 87 – p111.

MARQUES, A. J.: O sincretismo entre São Jorge e Ogum na Umbanda: Resignificações de tradições européias e africanas. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. III, n.9, 2011.

MEDEIROS, B. T. F. São Jorge do Rio: O Culto, os significados, as representações. **Revista Antropológicas**, v. 18, n.2, p. 75 - 104. 2007.

PITREZ, M. C. M. de M.: 23 de abril – Festa de São Jorge, um estudo sobre a oficialização de um dia santo em feriado municipal na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

ROSENDAHL, Zeny.: Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996

ROSENDAHL, Zeny: O Sagrado e o Espaço. In:CASTRO, I.E., GOMES,P.C.C., CORRÊA,R.L. (Org.). Explorações geográficas: Percursos no fim do século. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SANTOS, A.B. dos S.: Religiões: A matriz africana e seus reflexos afrobrasileiros. Sorocaba, São Paulo, 2012.

VERGER, P. F.: Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo; tradução Maria Aparecida da Nóbrega. 6ªedição, Salvador: Corrupio, 2002.